



PROJETO
JUVENTUDE
E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA

Diretrizes para projetos de prevenção à violência entre jovens

Realização:



Parceria estratégica:





Sumário

O que são estas Diretrizes?.....	3
Por que pensar um projeto para prevenir a violência entre jovens?.....	5
Como fazer um projeto de prevenção à violência para jovens?.....	6
Conhecer o contexto em que se quer intervir.....	8
Re/Conhecer o jovem.....	11
Definir uma estratégia	13
Formação	14
Esporte	18
Trabalho	22
Cultura	26
Empoderamento	30
Estruturar o projeto	34
Profissionais qualificados	37
Adaptações do projeto na atuação	39
Reconhecer a incompletude institucional: trabalho em rede	39
Espaço de convivência e de referência para o jovem	40
Outros elementos que devem ser levados em conta em projetos de prevenção à violência para jovens	41
Horário das atividades	41
As oficinas como ferramenta de trabalho	42
Controle de presença e frequência dos jovens no projeto	42
Mecanismos de desligamento dos participantes	42
Contextos de conflito e disputas territoriais	43
Regras de convivência	43
Resolução pacífica de conflitos	43
Indicações de material para consulta	44
Ficha Técnica	46

O que são estas Diretrizes?

Em todo o país, a violência é identificada como uma das maiores preocupações dos habitantes. E não é à toa que hoje a sensação de insegurança se espalha amplamente entre a população. Os dados apontam que o Brasil está entre os países mais violentos do mundo, identificados pelas altíssimas taxas de homicídio (foram 48.610 mortes por homicídio em 2008, o que representa 25,6 homicídios por 100 mil habitantes). Em relação aos jovens, os números são ainda mais alarmantes: foram 20.909 pessoas entre 15 e 29 anos mortas em 2008. A seleção de vítimas das mortes violentas no país acompanha também a concentração de autoria dos crimes. Apesar da informação sobre autoria ser mais escassa, os dados disponíveis apontam que os jovens entre 18 e 29 anos compõem cerca de 60% da população carcerária do país.

Nesse contexto, medidas de prevenção da violência destinadas à juventude assumem centralidade. Algumas iniciativas, tanto oriundas do poder público como da sociedade civil, vêm sendo implementadas com vistas a reduzir os números de jovens vítimas e autores da violência. Essas iniciativas estão espalhadas por todo o país e são estruturadas de maneiras diversas, o que se traduz em diferentes graus de institucionalidade, formas distintas de organização, metodologias e resultados variados.

Estas *Diretrizes para Projetos de Prevenção à Violência entre Jovens* são originadas da análise de diversos desses projetos e programas que vêm sendo desenvolvidos em todo o país e tratam de apresentar o que parece ser essencial para iniciativas dessa natureza.

O documento é um dos produtos do Projeto Juventude e Prevenção da Violência, realizado pelo Ministério da Justiça, no âmbito das ações do Programa Nacional com Segurança Pública (Pronasci), em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública e com a participação do Instituto Sou da Paz e do escritório brasileiro do Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito (Ilanud).

Fruto dos achados e conclusões da pesquisa realizada pelo Ilanud, estas *Diretrizes* visam oferecer subsídios para auxiliar gestores públicos, da iniciativa privada e do terceiro setor a desenvolverem iniciativas qualificadas, eficazes e sustentáveis com o objetivo de prevenir a violência entre jovens.

Esperamos que este documento colabore com apontamentos para a elaboração de novos projetos e sugestões para aprimorar as experiências existentes, promovendo a segurança e preservando a vida dos jovens brasileiros.

Boa leitura!

Saiba mais!

Os subsídios para as *Diretrizes para Projetos de Prevenção à Violência entre Jovens* apresentadas neste documento foram retirados da pesquisa realizada no Eixo 2 “Sistematização de Experiências de Prevenção à Violência entre Jovens” do Projeto Juventude e Prevenção da Violência.

O Eixo 2, realizado pelo Ilanud, teve três etapas de pesquisa. Inicialmente, foi feito um mapeamento de iniciativas de prevenção à violência em curso espalhadas por todo país. Em seguida, foram identificadas experiências para serem investigadas em profundidade; 39 delas puderam ser entrevistadas e analisadas estruturalmente. Após as análises, foram convidados gestores e jovens participantes de cerca de 30 dessas experiências para participarem de grupos de consulta, com o intuito de aprofundar os temas tratados e as hipóteses da pesquisa. A partir das análises, das discussões e da leitura da vasta bibliografia levantada, foi possível apreender os conteúdos das experiências sistematizadas e identificar as orientações, os princípios e as diretrizes que poderão guiar outros projetos ou programas de prevenção à violência destinados aos jovens brasileiros.

O relatório final deste eixo do Projeto, que contém o detalhamento das etapas e análises da pesquisa, está disponível em: <http://www2.forumseguranca.org.br/ivj/documentos>.

Por que pensar um projeto para prevenir a violência entre jovens?

O fenômeno da violência é complexo, assim como o são as causas que podem levar um jovem a cometer um ato violento ou a envolver-se com a criminalidade. Fatores como a renda, a escolaridade ou a dificuldade de acesso a oportunidades no mercado formal de trabalho podem ser entendidos como causas estruturais que podem levar ao envolvimento de jovens com a violência. Outros fatores como as relações e interações sociais, seja com a família, entre amigos, vizinhos ou com a polícia, por exemplo, também podem ser entendidos como fatores de risco ou de proteção para o envolvimento com a violência. Por último, devem ser considerados os aspectos subjetivos dos jovens, que dizem respeito às escolhas e aos desejos do indivíduo, e que também podem levá-los a adotarem ou não condutas violentas.

Ainda que se pudesse isolar cada um desses fatores para identificar, no caso concreto, o que levou determinado jovem a cometer determinado crime e que fosse possível desenhar um projeto para atuar justamente sobre esta causa, isto seria uma estratégia que permitiria resolver o problema de apenas um jovem. Os dados apontam, no entanto, que o envolvimento com a violência atinge muitos jovens espalhados por todo o território brasileiro, tornando epidêmico o fenômeno da violência e transformando o país num lugar inseguro para a juventude.

Nesse sentido, é fundamental que, ao lado de garantir os direitos dos jovens brasileiros, como o direito à educação, ao lazer ou à saúde, o direito à segurança seja também amplamente garantido.

O já consagrado novo paradigma da segurança pública ensina que, para tornar a tarefa de promover segurança à população mais eficaz, os esforços de repressão devem estar alinhados às estratégias de prevenção, de forma contínua e qualificada. Dessa maneira, torna-se essencial desenvolver iniciativas que atuem em um ou mais fatores de risco ou de proteção que podem prevenir que os jovens envolvam-se com violência ou com o crime.

Ao se reconhecer que há uma complexidade tamanha no fenômeno da violência e que são múltiplas as causas para o comportamento violento, a tarefa de preveni-la torna-se um esforço também muito complexo. Formular e implementar projetos destinados ao público jovem e que tenham a prevenção da violência como objetivo principal é o primeiro passo para o sucesso da empreitada.

Como fazer um projeto de prevenção à violência para jovens?

Em primeiro lugar, é preciso saber que não existe um modelo pronto e acabado que pode ser adotado por qualquer projeto que vise prevenir a violência entre jovens. Isso porque as experiências de prevenção organizam-se a partir de contextos específicos, o que não permite que elas sejam integralmente transplantadas a outros contextos, sem que sejam necessárias transformações ou pelo menos adaptações.

Nesse sentido, observa-se a primeira lição para se prevenir a violência: é preciso ter conhecimento sobre o contexto em que se quer intervir. As demais lições aprendidas para atuar no tema estão listadas nesta publicação, mas, antes de tudo, é importante destacar que, apesar de não existir um modelo que pode ser amplamente replicado em todos os projetos espalhados pelo país, os dados sobre a vulnerabilidade juvenil à violência indicam por onde se pode começar a tratar do problema.

Ao estruturar um projeto, o foco em prevenção da violência, qualquer que seja ela – violência interpessoal em geral, violência doméstica ou intrafamiliar, de gênero, sexual, letal, ou o envolvimento com o crime – é essencial. Em seguida, deve-se observar a adoção de métodos e atividades que possam de fato intervir nos contextos, afastando fatores de risco e estimulando fatores de proteção.

O objetivo da ação deve ser a prevenção da violência. Já o foco da ação pode ser variado, podendo ser o próprio indivíduo jovem participante do projeto ou a coletividade de jovens ou a comunidade de maneira mais ampla.

É comum que projetos de prevenção à violência que intervenham em contextos de violência assumam o indivíduo como foco de ação. Não se trata de identificar o jovem como potencial vítima ou potencial autor de violência, mas trata-se de assumir que, em determinado contexto, a violência se faz presente e pode ser utilizada como solução para resolução de conflitos, como meio para acessar renda, como estratégia para o reconhecimento, enfim, pode assumir várias conotações. Nesse sentido, o projeto pode visar oferecer ao jovem elementos alternativos à violência para serem acessados segundo sua necessidade. Por exemplo, para evitar o uso da violência como meio para acessar renda, o projeto oferece formação e profissionalização para o mercado de trabalho ou incentiva a busca de outros meios para ter fonte de renda; para evitar a violência como resolu-

ção de conflitos, estimulam-se as atividades esportivas que estabelecem competições regradas e a convivência pacífica; para enfrentar a violência que é usada como estratégia de reconhecimento, investem-se esforços na construção da identidade e no fortalecimento da autoestima dos jovens. Esses são alguns exemplos de como um projeto de prevenção à violência pode interferir no recurso à violência e contribuir para a proteção dos jovens que dele participam.

Há também a possibilidade de se focar em coletivos juvenis ou na transformação das próprias comunidades, com a premissa de que o jovem, nesses contextos, é vítima de uma série de violações de direitos, que o tornam vulnerável à violência, mas que ele pode ser também o responsável pela superação dessa condição de vulnerabilidade e, mais do que isso, por operar transformações significativas no contexto em que se insere. Nessa perspectiva, o jovem pode ser o principal participante do projeto, no entanto, a iniciativa objetiva não somente a transformação desse jovem individualmente, mas mudanças no coletivo ou na comunidade mais amplamente, sendo o jovem o ator responsável por conduzir esse processo de transformação. Nessas experiências, o olhar é direcionado a um contexto de vulnerabilidades em que a violência se apresenta como um fator.

Em linhas gerais, projetos de prevenção da violência estabelecem relação muito próxima com alguns elementos: a garantia de direitos, o oferecimento de oportunidades e a elevação da autoestima dos jovens; além, fundamentalmente, de intervirem em contextos em que a violência se faz presente. No entanto, garantir direitos ou desenvolver ações sociais não se confunde com prevenir a violência. Para tanto, é preciso tê-la como objetivo da iniciativa e desenhar um projeto que dê conta de atuar sobre os fatores de risco ou de proteção para o comportamento violento.

Além disso, é importante levar em conta estas *Diretrizes*, que servem como base para a formulação de projetos consistentes, sustentáveis e eficazes.

Conhecer o contexto em que se quer intervir

A pesar de fisicamente distantes entre si – são comunidades e bairros localizados em diversas cidades espalhadas pelo país – os locais em que a vulnerabilidade juvenil à violência é alta apresentam elementos de contexto muito semelhantes, que são marcados pela falta de equipamentos públicos, pela ausência do poder público na garantia de direitos, pela baixa renda de seus habitantes e, obviamente, pelo grande número de ocorrências criminais e altos índices de violência. No entanto, ao se desenhar um projeto de prevenção à violência, é importante que se conheça o contexto de maneira mais aprofundada, percebendo suas especificidades.

Em geral, as iniciativas de prevenção à violência centram seus esforços para tratar da questão localmente. Os projetos que preveem a participação direta dos jovens em sua ação – por meio de atendimento, participação em oficinas, ou outras atividades – têm a atuação centrada localmente, o que significa dizer que localizam suas ações no âmbito das comunidades. Mesmo quando se trata de uma política pública, e ainda que esta seja pensada para atuar em todo o estado ou em todo o município, as ações direcionadas aos jovens são estruturadas localmente, no contexto das comunidades, por meio de núcleos locais ou pela descentralização dos espaços de atendimento.

Assim, é importante que se verifique que a atuação eficaz da iniciativa, quando se trata de atividades “na ponta” – ou seja, quando prevê o trabalho direto com os jovens – depende de uma prática direcionada ao âmbito local, ao bairro ou à comunidade, especificamente. Nesse sentido, antes de mais nada, é preciso que se identifique em qual(is) comunidade(s) a iniciativa se dará para que se faça o reconhecimento do contexto local em que se quer intervir.

Isso porque, ainda que se tenha a intenção de elaborar um projeto ou uma política pública que busque abranger todo o município ou todo o estado, é preciso ter em mente que o jovem com quem se quer trabalhar vive em um determinado contexto, dentro do qual ele está sujeito a certas vulnerabilidades, apresenta demandas específicas e experimenta e vivencia diferentes situações. Para se determinar quais são as vulnerabilidades, as demandas e as experiências dos jovens, é necessário que se identifique, primeiramente, em que local ele vive e o que

significa viver ali, em termos de acesso a equipamentos públicos, garantia de direitos, oportunidades e outros elementos que fazem parte da vida dele.

O primeiro passo para a formulação de uma ação de prevenção à violência é, portanto, identificar as especificidades que o lugar apresenta no que se refere à vulnerabilidade de jovens para a violência, ou seja, é preciso que se analisem diversas características, como os índices e estatísticas criminais do local, a disponibilidade de equipamentos públicos presentes ali, as condições socioeconômicas dos habitantes que vivem naquele lugar, se há presença de crime organizado ou de dinâmicas específicas de criminalidade, se há histórico de presença de gangues ou outros grupos de jovens com práticas violentas, se aquele espaço é palco de disputas territoriais, etc.

Caso se deseje atuar em um contexto específico como uma escola, por exemplo, deve-se levar em conta quem são os estudantes que a frequentam, os problemas de violência presentes no espaço ou como a vivência na escola pode contribuir para violências perpetradas em outros lugares.

É importante também que se busque conhecer a comunidade além dos elementos relacionados especificamente com a violência, ou seja, que se identifiquem outros aspectos que possam contribuir com a efetividade de um projeto a ser instalado ali, como, por exemplo, a existência de grupos e movimentos sociais que já atuem no local, o conhecimento sobre quem são as lideranças comunitárias que tenham respaldo na comunidade, a compreensão sobre as preferências locais em termos culturais, e outras especificidades que sejam úteis para permitir um retrato fiel daquele bairro ou daquela comunidade em que será desenvolvido o projeto.

A identificação do contexto permite que se pensem ações direcionadas que possam impactar os elementos sobre os quais se quer intervir, em um primeiro momento. Além disso, identificar o contexto permite que se escolha com mais propriedade o tipo de ação a ser implementado ali. Também permite que se identifiquem os elementos que o compõem, tais como o histórico da região onde está a comunidade, os equipamentos públicos presentes e os faltantes, as organizações que já se articulam naquele local, as demandas apresentadas pela população, os temas que mais interessam os jovens do local, entre outros. É essa compreensão que permitirá definir quais as estratégias, qual a

metodologia, quais serão as atividades, enfim como será o desenho do projeto que será implementado.

Um bom estudo sobre o contexto serve para o desenho da iniciativa, agindo como o diagnóstico local.

Conheça exemplos

O *Programa Fica Vivo!*, implementado pela Secretaria Estadual de Defesa Social do estado de Minas Gerais, possui 27 núcleos espalhados pelo município de Belo Horizonte e por outras cidades mineiras. A proposta do projeto é que esses núcleos – localizados em comunidades com alta vulnerabilidade social e altos índices de violência – sejam espaços de acolhimento para os jovens por meio de diversas atividades relacionadas diretamente aos temas de seu interesse. Antes da implementação de cada núcleo, o programa realiza um diagnóstico da situação de criminalidade no município e no estado, especialmente com dados sobre homicídios envolvendo jovens, para identificar qual comunidade deverá receber as ações. Definido a comunidade, é realizado um diagnóstico local para conhecê-la em profundidade, determinar as atividades que terão boa receptividade na região e quem serão os parceiros locais do programa. À medida que cada núcleo apresenta uma dinâmica singular e atrelada às especificidades das comunidades, as atividades oferecidas são muito diversificadas, variando bastante entre um núcleo e outro, apesar de fazerem parte do mesmo programa.

Saiba mais:

https://www.seds.mg.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=283&Itemid=117

Re/Conhecer o jovem

Após a identificação do contexto, é preciso que se identifique o jovem com o qual se quer trabalhar, ou seja, é necessário definir quem serão os participantes do projeto ou programa.

Conhecer o jovem da comunidade implica em saber quais são os seus problemas, especialmente aqueles que se relacionam ao comportamento violento, mas não apenas. É preciso considerar também quais são os desafios que esses jovens se veem obrigados a enfrentar em seus cotidianos, quais são os seus desejos e aspirações e quais são as limitações colocadas para que estes sejam alcançados. Também é preciso considerar quais são as suas preferências em termos culturais, por exemplo, e quais são as suas demandas.

Nesse processo de se conhecer o jovem, é preciso ter cuidado para não generalizar a juventude. É importante que se observe que as juventudes são múltiplas e que mesmo os jovens que fazem parte dos mesmos grupos sociais e que, portanto, possuem entre si uma série de semelhanças, se distinguem em outras tantas questões, que os tornam únicos como indivíduos. Ainda assim, é possível identificar no jovem presente naquele contexto algumas regularidades que o deixam numa condição de vulnerabilidade à violência e que merecem alguma forma de intervenção.

É também fundamental que se reconheça o jovem em sua complexidade. Nesse sentido, é preciso que se reconheça a juventude como categoria social associada à fase de transição da adolescência para a vida adulta e que, por si só, já carrega uma série de questões impostas por essa transição. Assim, o jovem deve ser compreendido no contexto local, da sociedade em geral, e também em face da escola, do mercado de trabalho, da família, de seus pares e de outros tantos atores sociais. É necessário compreender o jovem de forma holística, o que significa dizer que é preciso reconhecer que, por mais completo que o projeto ou o programa pretenda ser, ele não dará conta de todos os aspectos da vida desse jovem.

É preciso, além de conhecer o jovem inserido no contexto em que se dará a iniciativa, reconhecê-lo em sua condição de jovem e sujeito de direitos. O jovem não é apenas vítima ou autor em potencial de atos de violência. Ele é uma pessoa que está numa fase de transição da vida de criança/adolescente para a vida adulta e, como todas as pessoas, precisa ter seus direitos garantidos e ser respeitado em sua autonomia.

Atenção

Conhecer o jovem vulnerável à violência em determinado contexto possibilita definir o público-alvo do projeto que será desenhado. Seguido o passo anterior, já terá sido possível analisar os elementos presentes no local que podem ser fatores de risco e fatores de proteção para o envolvimento de determinados jovens com a violência, e será possível definir quais jovens estão mais vulneráveis a envolverem-se com violência e criminalidade. Então, será possível determinar o foco prioritário de atenção naquela comunidade, ou seja, com quais jovens o projeto vai trabalhar, estabelecendo critérios para selecionar o público, como recortes etários, por sexo, por faixa de renda familiar, ou outros.

Em seguida, é importante conhecer as demandas e as preferências daqueles jovens que foram definidos como público-alvo. Se o projeto vai oferecer atividades culturais, por exemplo, é preciso saber quais são os interesses dos jovens daquela comunidade, se gostam de samba, se preferem hip-hop ou se são fãs de música sertaneja. Se a preferência local é por jogar futebol, pode ser que uma atividade esportiva faça mais sentido para trabalhar com aqueles jovens. Se há carência de formação profissional e uma demanda por determinado tipo de curso, este pode ser um caminho para elaborar um projeto.

Conheça exemplos

O projeto *Praças da Paz SulAmérica*, realizado pelo Instituto Sou da Paz em São Paulo, aposta na revitalização de um espaço público da comunidade, uma praça, como meio para favorecer a convivência comunitária de forma pacífica e prevenir a violência na região. Ao ser definida a comunidade e a praça que será revitalizada, a equipe do projeto realiza um cuidadoso diagnóstico local antes de reunir os habitantes para propor as obras físicas que serão realizadas na praça. Esse diagnóstico permitiu, por exemplo, identificar que, em determinada região, a preferência dos jovens era pela música e a praça a ser construída deveria contemplar um espaço para as rodas de samba da comunidade, em outro bairro, em contrapartida, foi importante a construção de equipamentos para a prática de skate, esporte preferido dos jovens do local.

Para saber mais: www.soudapaz.org/pracasdapazsulamerica

Conheça exemplos

O projeto *Hip Hop Pró Ativo*, realizado pela ONG Instituto de Pesquisa e Ação Comunitária, foi criado a partir do desejo de se trabalhar com a juventude vulnerável à violência em Brazlândia no Distrito Federal. Antes da elaboração do projeto, a equipe realizou uma pesquisa para encontrar atividades com as quais os jovens do local se identificassem a fim de escolherem ações que servissem como chamariz para o projeto. O estudo permitiu descobrir que os jovens de Brazlândia eram fãs das diversas manifestações da cultura hip-hop, o que levou a ONG a desenhar um projeto que oferecesse oficinas dos elementos do hip-hop para alcançar esses jovens e trabalhar outros temas relacionados à prevenção da violência.

Para saber mais: <http://www.youtube.com/watch?v=xroLd8oqOzg>

Definir uma estratégia

Depois de identificados o contexto e o jovem, é preciso definir uma estratégia de atuação para o projeto ou programa que se colocará em marcha. A estratégia é a forma como funcionará a iniciativa desenhada. Ela pode funcionar tanto como um mecanismo de aproximação dos jovens para o projeto como estar diretamente relacionada aos objetivos específicos da ação.

A pesquisa que serviu de base para a construção destas Diretrizes identificou que as experiências de prevenção à violência entre jovens em curso no país hoje adotam pelo menos uma de cinco estratégias: esporte, formação, trabalho, cultura e empoderamento.

Formação

Prevenir a violência por meio de *formação* requer que sejam pensadas maneiras de estabelecer processos de transmissão de conhecimento, que guardem relação com a formação intelectual do jovem com quem se quer trabalhar.

É muito comum que as iniciativas que adotem esta estratégia estejam diretamente relacionadas com a escolarização formal ou então que desenvolvam atividades que complementem o aprendizado que o jovem adquire na escola.

A ideia que está por trás desta estratégia é que o processo de formação do indivíduo é necessário à superação de sua situação de vulnerabilidade à violência.

Atividades para um projeto com a estratégia *formação*:

- Reforço escolar;
- Curso de alfabetização para egressos do sistema socioeducativo ou do sistema prisional;
- Acompanhamento escolar para jovens defasados no ensino formal;
- Curso de informática ou disponibilização de acesso à internet;
- Criação de bibliotecas comunitárias e incentivo à leitura;
- Oficinas ou aulas de cidadania ou de direitos humanos, etc.

As atividades oferecidas devem transferir conhecimentos aos participantes e promover espaços de diálogo e troca de experiências.

Como projetos de *formação* previnem a violência?

A percepção que está por trás desta estratégia é que a formação dos jovens é um meio para prevenir a violência entre essa parcela da população, especialmente quando se relaciona à escolarização formal. Há a compreensão de que os jovens mais escolarizados estão mais protegidos de se envolverem com violência, uma vez que estão mais capacitados a ingressar no mercado de trabalho, por exemplo. Assim, contribuir para a formação de jovens vulneráveis, inclusive oferecendo formação que vai além do que é oferecido na escola formal, é entendido como um meio de prevenir a violência.

Nesse sentido, a formação proposta pelos projetos tem também a intenção de instruir e fornecer aos participantes novas referências de compor-

tamentos e de valores. O tipo de trabalho realizado se propõe a, por meio de atividades diversas, desenvolver entre os participantes a possibilidade de contar com novas perspectivas de vida e prevenir o seu envolvimento com práticas violentas.

A crença que se tem, em linhas gerais, ao elaborar um projeto de prevenção à violência por meio da formação, seja intelectual, profissional ou de cunho humanizador é que a formação por si só pode prevenir a violência, na medida em que amplia o rol de oportunidades de jovens socialmente vulneráveis.

O que é preciso levar em conta ao adotar esta estratégia:

A ideia de complementar a formação escolar considera que a educação cumpre importante papel para a prevenção da violência entre jovens, uma vez que permite aos jovens acessar outras oportunidades que podem ser alcançadas com um maior nível de escolaridade.

Como se trata de oferecer atividades diretamente relacionadas à educação formal, é preciso levar em conta quais são os limites de um projeto de prevenção à violência deste tipo em relação ao tipo de atividades que a escola pode e deve oferecer, tendo-se sempre em mente que um projeto de prevenção à violência não deve buscar substituir a escola, mas deve trabalhar de maneira alinhada com ela. Algumas maneiras de fazer isso são: exigir a matrícula escolar ou a permanência na escola como condição para participação no projeto, promover que os participantes que não frequentam a escola venham a se matricular, acompanhar o desempenho escolar frequentemente, etc. Também é importante que as atividades do projeto sejam disponibilizadas em horários adequados à disposição dos jovens e respeitem o horário escolar, podendo, inclusive, serem desenvolvidas dentro do ambiente escolar.

É natural que projetos que adotem esta estratégia tenham a pretensão de operar uma transformação na vida dos jovens, proporcionando-lhes consciência para definir rumos e escolhas com autonomia. Um cuidado que se deve tomar é que a transmissão de conhecimentos é sempre carregada de valores. Esses valores, no entanto, não devem ferir a autonomia dos jovens, mas devem ser capaz de torná-los sujeitos de suas próprias vidas.

Outro ponto importante é que os projetos que adotam a estratégia formação frequentemente constataam certa dificuldade em manter o interesse dos participantes pelas atividades propostas, especialmente por conta de exigências da família para que esses jovens complementem a renda fami-

liar ou pelo interesse do próprio jovem de adquirir renda própria. Como o processo de formação é de médio a longo prazo, pode haver desinteresse ou desvalorização por parte dos jovens em relação ao que está sendo proposto. Manter o projeto atrativo para o público jovem é um constante desafio. Uma saída identificada por alguns projetos é o oferecimento de bolsas de estudos ou de cestas-básicas para aumentar a renda de quem participa das atividades. Outras iniciativas buscam oferecer atividades lúdicas ou culturais, de acordo com os interesses dos jovens, de modo a estimulá-los a frequentar o projeto.

Além disso, como o processo de formação tende a ser longo, identificar os resultados no curto prazo torna-se difícil e pode desestimular os jovens e a equipe que está envolvida com o trabalho na ponta. É preciso, portanto, criar mecanismos de constante acompanhamento dos jovens que participam do projeto para que os resultados possam ser identificados durante o processo. Uma possibilidade é o acompanhamento constante do desempenho escolar ou a proposição de atividades que possam avaliar o que está sendo aprendido.

Conheça exemplos

A *Escola Formação da Juventude* é uma atividade de extensão da Universidade Católica de Goiás, que visa proporcionar aos jovens autonomia para que se organizem com a intenção de garantir seus direitos fundamentais. São propostas uma série de atividades que visam à formação da juventude, como oficinas de leitura e cursos de disciplinas mais específicas, como de informática e de hardware, além de ser um telecentro para acesso à internet. O projeto também busca incentivar a reflexão da comunidade como um todo, promovendo debates e fóruns de discussão sobre temáticas tais como a redução da maioria penal, questões ambientais e a inserção da juventude no mercado de trabalho. O projeto busca se adequar às demandas de tempo e necessidades do público atendido: jovens de 15 a 19 anos, em sua maioria vulneráveis socialmente. Assim, o espaço do projeto fica aberto aos finais de semana, a depender das atividades propostas, e os horários durante a semana se adequam aos períodos de aula e trabalho dos jovens.

Saiba mais: <http://www.ucg.br/ucg/proex/proreitoria/home/>

Conheça exemplos

O *Projeto Luz, Câmera... Paz! Na Escola* é executado pela Ciranda - Central de Notícias dos Direitos da Infância e da Adolescência. O projeto atua em escolas públicas municipais de Curitiba - PR, promovendo cursos de educação para formar multiplicadores da ideologia do projeto, com valores como a cultura de paz e a promoção da cidadania. Dois jovens de cada escola participam dos cursos de capacitação em educação e, após essa experiência, têm um período de três meses para multiplicar, em sua escola, aquilo que aprenderam no projeto. Um dos objetivos é ampliar para toda a comunidade os debates acerca das questões dos direitos e deveres de um cidadão.

Saiba mais: www.ciranda.org.br/camera/

Conheça exemplos

O *Projeto Novos Caminhos* é uma das ações da ONG Luta pela Paz, sediada no Complexo de Favelas da Maré na cidade do Rio de Janeiro. O projeto atende jovens que tenham abandonado a escola formal há mais de dois anos e procura reinseri-los no sistema de escolarização. São propostas atividades de preparação e aceleração escolar para que, ao final de sua participação no projeto, os jovens estejam aptos a retornar e acompanhar a escola formal e concluir o ensino fundamental e médio, aumentando, assim, suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho legal. A iniciativa trabalha com aulas que, além do conteúdo exigido na escola formal, abarcam temas como violência, cidadania e inserção no mercado de trabalho.

Saiba mais: <http://www.fightforpeace.net/>

Esporte

A estratégia *esporte* identifica iniciativas que têm como centro de sua atuação a organização de atividades esportivas com os jovens que fazem parte do seu público-alvo.

A utilização de esporte para prevenir a violência relaciona-se com a ideia de que a prática esportiva pode ajudar a canalizar e transformar a agressividade dos jovens (especialmente esportes de lutas, como as artes marciais), outra questão que está por trás desta estratégia é a perspectiva de oferecer disputas e competições num ambiente regrado, estimulando a convivência e a resolução pacífica de conflitos.

É comum que as atividades esportivas sejam utilizadas como chamariz para atrair os jovens para o projeto que também oferece espaços de interação sem violência ou articula o esporte a outras atividades relacionadas à formação do jovem.

Atividades para um projeto com a estratégia *esporte*:

- Oferecer aulas de determinada modalidade esportiva;
- Realizar competições esportivas entre grupos de jovens de diferentes comunidades;
- Disponibilizar espaços e equipamentos para a prática de esportes (em horários diferenciados e com monitoria), etc.

Podem ser realizadas aulas periódicas de esportes de equipe e individuais, competições e podem ser disponibilizados espaços e infraestrutura como quadras, bolas e redes, para que o jovem possa praticar esportes.

Como projetos de *esporte* previnem a violência?

O esporte pode ser utilizado como meio para a canalização da agressividade, típica da fase de juventude vivida, especialmente quando se trata de esportes de luta, como karatê, judô, boxe ou luta livre. Se o recurso à violência por parte de alguns jovens se dá pela necessidade de reconhecimento, poder ou pela adrenalina, o esporte pode atuar como substituto à violência. Além disso, as regras da modalidade praticada ajudam a transmitir valores como respeito, solidariedade, equilíbrio, diversidade e tolerância, o que auxilia na tarefa de prevenir a violência.

O esporte estimula a competição saudável, o respeito ao adversário e favorece uma convivência regrada e pacífica, o que, quando assimilado pelos jovens, contribui para a mudança comportamental e para uma boa

relação entre eles. Além disso, as regras do esporte são importantes também porque estabelecem limites entre os adversários. A ideia de que é preciso usar o diálogo para resolver os problemas e não recorrer à força física é fundamental, por isso, os princípios do esporte contribuem para a mediação e resolução pacífica de conflitos.

A utilização dos esportes coletivos, que também possuem regras que definem como devem funcionar as relações “dentro de campo”, contribui para uma mudança no comportamento dos jovens em suas interações cotidianas. Quando são realizadas competições esportivas entre jovens oriundos de comunidades diferentes (que podem, inclusive, serem rivais entre si), estimula-se uma disputa saudável, favorecendo o reconhecimento do outro como igual e a convivência pacífica entre os jovens.

Ainda, em contextos vulneráveis em que se observa a ausência de equipamentos públicos que garantam o acesso a atividades esportivas e de lazer, as iniciativas que trabalham com esporte criam os espaços que garantem esse acesso e que favorecem a convivência comunitária, favorecendo um processo de transformação das relações entre os membros das comunidades, alterando a lógica na qual se estabelece o convívio entre os jovens, se antes pautada por uma dinâmica de violência, agora, pautada pela convivência nos mesmos espaços de forma pacífica e baseada no respeito mútuo.

O que é preciso levar em conta ao adotar esta estratégia:

O esporte pode ser entendido como chamariz para o trabalho com jovens. As iniciativas que adotam esta estratégia, em geral, propõem que oferecer atividades esportivas serve para aproximar e envolver os jovens, mas seus objetivos não são necessariamente a formação de atletas profissionais, mas o desenvolvimento dos jovens como sujeitos conscientes e cidadãos. Para isso, pode-se complementar as atividades do projeto adotando outras estratégias de ação, como a formação, por exemplo.

Um desafio que está colocado para projetos de *esporte* é justamente a possibilidade de transformar o jovem num atleta de fato. É importante estar claro que, ainda que o projeto possa vir a formar grandes atletas, este não deve ser seu objetivo principal, ao se prevenir a violência. Até porque, do número de jovens que passarão pelo projeto, são poucos que terão capacidade de tornarem-se atletas e adotar o esporte como profissão. Este é desafio que se impõe a projetos desta estratégia: a permanência dos jovens nos projetos, quando estes não querem, ou não são aptos a, tornarem-se atletas profissionais. Assim, é preciso que o projeto considere esse

fato e ofereça aos jovens perspectivas que estejam além da possibilidade de vir a tornar-se atleta profissional.

Outro desafio são as fronteiras territoriais, muitas vezes demarcadas por fatores relacionados ao crime, que impedem a livre circulação de jovens de diferentes comunidades e a frequência às mesmas atividades. O estímulo à convivência desses jovens de comunidades “rivais” deve ser feito de maneira planejada, para que o ambiente do projeto não seja um facilitador das disputas.

No caso do esporte, também, outra questão que se coloca é a resistência por parte das famílias dos jovens para a permanência deles nas atividades do projeto, uma vez que a prática de atividades esportivas não é vista como atividade produtiva e, em geral, não possibilita acesso à renda no momento e nem se vislumbra para o futuro. Uma saída para essa questão é o oferecimento de bolsas ou cestas-básicas para que os jovens participem do projeto. Outra possibilidade é que as atividades esportivas sejam realizadas nos horários de lazer dos jovens, em que, em geral, estes não deveriam estar frequentando a escola ou trabalhando.

Conheça exemplos

O projeto *Atletas da Paz*, executado pela ONG Luta Pela Paz, no Complexo de Favelas da Maré, na cidade do Rio de Janeiro dá aulas de boxe, capoeira e luta livre, além de aulas de cidadania e curso de informática. O projeto visa aproximar jovens por meio do esporte, para formar e conscientizá-los como cidadãos de direitos e deveres, criando novos líderes e buscando reinseri-los nas escolas.

Saiba mais: <http://www.fightforpeace.net/>

Conheça exemplos

Outra iniciativa é o *Esporte à Meia Noite*, implementado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal que oferece atividades esportivas definidas de acordo com os interesses dos jovens e realizadas em escolas públicas entre as 23h00 e as 02h00, horário identificado como o de maior índice de criminalidade envolvendo jovens, de acordo com os dados criminais locais.

Saiba mais: http://www.ssp.df.gov.br/005/00502001.asp?ttCD_CHAVE=9014

Conheça exemplos

A *Associação Cultural Esportiva Ecológica Raízes da Natureza Vanderlei Karatê (ou Vankate)* é uma ONG que atua no município de Viana, na região metropolitana de Vitória-ES, que oferece aulas de karatê – sua atividade prioritária – atividades ecológicas, aulas de teatro e outros eventos culturais. O projeto visa incentivar os jovens a respeitar os outros e tomar responsabilidade por seus atos, trabalhando por meio dos princípios do karatê que ensinam a “conter o espírito de agressão”.

Saiba mais: <http://www.youtube.com/watch?v=LfZwWEqm2YI>

Trabalho

Ao adotar a estratégia *trabalho*, o projeto deve buscar oferecer atividades que facilitem o ingresso do jovem no mercado formal de trabalho. As iniciativas que adotam esta estratégia desenvolvem sua metodologia a partir de atividades, oficinas e cursos que visam à formação técnica e profissional dos adolescentes e jovens para a inserção no mercado de trabalho.

Esse tipo de atuação objetiva promover o jovem dentro de uma atividade que lhe garanta alguma possibilidade de sustento e colocação no mercado de trabalho formal, com o propósito de lhes oferecer uma nova perspectiva de futuro. A ideia que está por trás desta estratégia é que a entrada e permanência no mercado de trabalho possibilita acesso à renda e previne a violência.

Atividades para um projeto com a estratégia *trabalho*:

- Cursos de capacitação profissional em diversas áreas;
- Oficinas ou cursos de atividades diversas, com perspectivas de empreendedorismo;
- Colocação profissional em primeiro emprego com acompanhamento;
- Oferecimento de primeiro emprego com salário ou bolsa; etc.

As atividades propostas devem buscar desenvolver nos jovens uma habilidade que os familiarize e qualifique para o mercado e podem, ainda, promover a primeira experiência de rotina de trabalho, podendo estimular o desenvolvimento das posturas adequadas a esse contexto.

Como projetos de *trabalho* previnem a violência?

A estratégia *trabalho* está geralmente vinculada ao ideal de criação de novas perspectivas de vida e de futuro, com a possibilidade de inserção no mercado profissional. O público-alvo dos projetos dessa natureza é, em geral, formado por jovens oriundos de contextos de alta vulnerabilidade social, identificados como tendo grandes dificuldades para ingressarem num primeiro emprego, marcando sua exclusão do mercado formal de trabalho, o que os levaria, algumas vezes, a optar pela informalidade ou a se envolver com atividades criminais.

A partir do momento em que o projeto promove cursos de profissionalização e outras atividades a esse público, cria-se a possibilidade de acesso à renda por meio de uma atividade legal e remunerada, o que transforma suas perspectivas de vida.

A inserção no mercado de trabalho é vista como a saída da condição de vulnerabilidade por possibilitar ao jovem o acesso a uma fonte de renda, uma vez que se identifica que a ausência desse elemento pode favorecer a aproximação com situações de possível violência, como, por exemplo, o envolvimento com o tráfico de drogas.

O que é preciso levar em conta ao adotar esta estratégia:

Projetos que adotam o *trabalho* como estratégia de ação geralmente se deparam com alguns desafios. Um deles é o fato de que o mercado profissional, em geral, exige uma escolaridade mínima para aqueles que pleiteiam uma vaga de emprego. Esse fato delimita um campo de ação para os projetos, pois a escolarização dos jovens em contextos de vulnerabilidade se apresenta como uma deficiência anterior à atuação da iniciativa. Diante desse fato, é comum que o projeto busque realizar seleções prévias entre os participantes e a privilegiar jovens com mais escolaridade. No entanto, essa decisão pode significar um limite para a prevenção da violência, uma vez que a juventude mais vulnerável à violência, identificada com aquela mais vulnerável socialmente, é composta por jovens de baixa renda e baixa escolaridade. Nesse sentido, o jovem que deveria ser o público preferencial de projetos de prevenção à violência acaba sendo excluído pelo critério de escolaridade, e os projetos dessa natureza acabam selecionando jovens relativamente menos vulneráveis e que necessitariam menos do projeto. É preciso ter em conta esse desafio na hora de desenhar o projeto.

Outra questão é que os cursos oferecidos podem ter um perfil de formação para a prestação de serviços, sendo geralmente de baixa qualificação, o que dificulta uma formação que estimule o desenvolvimento intelectual de seus participantes ou seu empreendedorismo. Se as atividades oferecidas servirem a formar profissionais para ocuparem postos de baixa remuneração, delimitando um campo restrito de atuação profissional, estas podem não interessar os jovens.

Nas iniciativas da estratégia *trabalho* é importante também levar em conta que, a depender do tipo de atividade que o projeto proporcionará, será necessário prever o momento de desligamento do jovem com o projeto. É possível prever uma formatura, a entrega de um diploma ou outro fato que ateste que o jovem cumpriu as atividades previstas. Sendo assim, é importante levar em conta que projetos que adotam o trabalho como estratégia devem se planejar para atuar em ciclos de atividades com os jovens, não sendo comum que o projeto ofereça atividades a qualquer interessado, mas que adote critérios de seleção, acompanhamento de frequência, etc.

O ingresso no mercado de trabalho também precisa ser elemento a ser levado em conta. Após o ciclo do projeto, os jovens participantes têm, em geral, a expectativa de ingressarem no mercado de trabalho. Se o projeto visa oferecer formação profissional, é importante que também considere outros aspectos como a indicação de lugares que podem contratá-los, o oferecimento de oportunidades de emprego, a ajuda para elaboração de currículos, etc.

Conheça exemplos

O projeto *Crescer* é realizado pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e Trabalho da Prefeitura Municipal de Boa Vista – RR e promove oficinas e cursos de balata, panificação, lutheria, serralheria, esporte, moda, serigrafia, marcenaria, entre outras. O público-alvo é de jovens entre 14 e 21 anos, de ambos os sexos, que se encontram em situação de vulnerabilidade, risco pessoal e social, com baixa escolaridade, envolvidos em gangues ou que tenham cometido algum ato infracional. Os participantes do projeto fazem parte de uma cooperativa em que são comercializados os produtos de suas atividades, principalmente aqueles produzidos com a balata. As atividades trabalhadas no projeto pretendem servir para que esses jovens tenha uma ocupação que possibilite a geração de renda, através de atitudes empreendedoras.

Saiba mais: http://www.boavista.rr.gov.br/template_interno.php?coSecao=5#titulo9

Conheça exemplos

O programa *Guardião Cidadão* da Secretaria Municipal de Segurança de Santos-SP emprega jovens do município com idade entre 18 e 20 anos que, após passarem por um período de formação para cidadania, são alocados em pontos estratégicos da cidade, onde atuam monitorando o espaço público e auxiliando a guarda municipal. Os participantes do projeto contam com bolsa-auxílio. A intenção do programa é proporcionar ao jovem sua primeira experiência profissional e estimular nele o cuidado com o espaço público da cidade.

Saiba mais: <http://www.santos.sp.gov.br/>

Conheça exemplos

O *Instituto Mirim* é uma ONG que atua em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul. A proposta do projeto é acompanhar o jovem em sua primeira experiência profissional, fornecendo-lhe uma preparação e uma espécie de “atestado” de sua capacidade para atuar no mercado de trabalho. O jovem frequenta o projeto acompanhando cursos de diversos temas como filosofia e psicologia, além de orientações individuais, e, durante os seis primeiros meses no projeto, passam por uma formação profissional de preparação básica para prestação de serviços tais como auxiliar administrativo e auxiliar de serviços e comércio, que possibilitam sua inserção no mercado de trabalho. Após o tempo de formação, os jovens com 16 anos ou mais são encaminhados pelo próprio instituto a postos profissionais nas empresas conveniadas com o projeto. Dessa maneira, o salário é pago pelo Instituto, que também acompanha o jovem durante o tempo em que este permanece na empresa, a partir de constante atenção e orientação.

Saiba mais: <http://www.capital.ms.gov.br/mirim/>

Cultura

A estratégia *cultura* refere-se a expressões culturais e artísticas que são incentivadas por meio de cursos, oficinas, apresentações, etc.

A relação que se estabelece entre a estratégia *cultura* e a prevenção da violência, em linhas gerais, baseia-se na percepção de que as manifestações artísticas dos jovens devem ser incentivadas para que estes reconheçam-se enquanto jovens, estimulando entre eles novas práticas de convívio social, além disso, busca-se a canalização das manifestações dos jovens (que poderiam relacionar-se com atos de vandalismo, por exemplo) em atividades culturais produtivas.

Atividades para um projeto com a estratégia *cultura*:

- Oficinas de percussão, circo, dança, teatro, cinema, capoeira e outras atividades artísticas de interesse dos jovens;
- Oficinas de elementos do hip-hop (rap, grafite e break);
- Incentivo à elaboração de projeto de peça de teatro, filme, documentário, etc. pelos próprios jovens;
- Promoção de mostra ou apresentação coletiva de manifestações artísticas desenvolvidas pelos jovens, como apresentações de dança, de grafite, competições de rap, etc.

As atividades visam promover ao jovem a participação e a produção de expressões culturais que sejam originadas por eles mesmos, ou seja, a ideia é que os jovens produzam cultura e não apenas consumam cultura.

Como projetos de *cultura* previnem a violência?

O trabalho com os jovens por meio de cultura serve à canalização de uma disposição, de uma vontade de expressão e de contestação social, que seriam tipicamente juvenis e que podem se objetivar em práticas de vandalismo, como, por exemplo, a pichação, para transformá-las em manifestações artísticas como o grafite ou a composição de raps de protesto. Essas seriam alternativas que preveniriam atos de violência. Por mais que essas atividades possam ser compreendidas enquanto linguagem de contestação social que promove ideias transgressoras, elas partem da incorporação e da aceitação de práticas de condutas que são socialmente regradas, respeitam o convívio social e não são violentas.

Os projetos e programas que adotam esta estratégia também oferecem um espaço de convívio em que jovens de diferentes origens sociais se encontrem e realizem atividades conjuntas, o que faz com que estigmas sociais de um em

relação ao outro sejam rompidos. A promoção das relações de reconhecimento entre sujeitos de distintas realidades serve como ferramenta na prevenção da violência. Ainda, na ideia de proporcionar situações de reconhecimento do outro, diversas iniciativas que se inserem em um contexto de disputa territorial de gangues trabalham na perspectiva da promoção de intercâmbios culturais entre os jovens das diferentes regiões. Quando a atuação se dá no âmbito da disputa entre gangues, o projeto pode realizar a promoção do encontro de jovens que vivem em contextos socioeconômicos semelhantes, mas que são oriundos de territórios diferentes.

O que é preciso levar em conta ao adotar esta estratégia:

Para se trabalhar com atividades culturais para prevenir a violência entre jovens é importante que as atividades oferecidas tenham respaldo na comunidade em que se insere o projeto e sejam do interesse dos jovens a quem se destinam.

A escolha pelo tema cultural, dentre as possibilidades presentes nas localidades, não é aleatória, no entanto. Ela deve privilegiar as manifestações artísticas que, além de serem preferências dos jovens com quem se vai trabalhar, sejam capazes de estabelecer diálogo com a prevenção da violência. Assim, é preferencial que se escolham atividades que não se refiram somente à cultura apenas como expressão artística, descompromissada do mundo, mas que agregue um conjunto de valores que problematize as questões sociais, por exemplo.

É comum, nesse sentido, que se opte por relacionar as atividades culturais oferecidas com aspectos ligados à cultura popular tradicional, como a capoeira, ou a movimentos de protesto, como o hip-hop, por exemplo.

A definição da atividade é fundamental para acessar o jovem a quem se destina. Além disso, o projeto não deve restringir sua atuação à simples produção cultural, mas também incentivar debates sobre temas pertinentes à realidade da juventude.

É importante levar em consideração que os contextos em que os jovens estão mais vulneráveis à violência são também marcados pela ausência de políticas públicas específicas para a juventude, especialmente relacionadas a manifestações artísticas ou ao acesso à cultura. Dessa constatação decorre a percepção de que é preciso ofertar aos jovens espaços e equipamentos para que possam desenvolver suas atividades, linguagens e expressões culturais e o projeto pode vir a promover essa oferta.

Promover projetos de *cultura* também guarda relação com as sensações de prazer e aos anseios e disposições dos jovens para realizar atividades

artísticas. Assim, pode-se desenvolver atividades que ajudem a canalizar a disposição do jovem de realizar atividades consideradas agressivas ou contrárias à lei, como a pichação, por exemplo, para atividades artísticas, o grafite, no caso. A produção artística pode proporcionar aos jovens novas sensações de prazer, a arte tem o potencial de estimular sentimentos e sensações intensas, o que pode ser estimulado como alternativa ao envolvimento com violência. Além disso, a exposição dos trabalhos produzidos ou apresentações das manifestações artísticas podem servir ao reconhecimento dos jovens, concorrendo com a ideia de reconhecimento que poderia ser obtido por meio do envolvimento com o crime, por exemplo.

Um desafio que se faz presente a projetos desta estratégia é que as atividades oferecidas podem concorrer com outras atividades, definidas como mais produtivas para os jovens, como a escola, o trabalho ou outras atividades que permitam acesso à renda. Pode haver descontinuidade da participação dos jovens, que pode dificultar que o objetivo do projeto seja alcançado. No entanto, uma boa saída é que as atividades artísticas sejam oferecidas de maneira constante em oficinas com frequência livre, de tal maneira que o jovem pode acessá-las quando tiver vontade, encontrando ali um ambiente que incentive a convivência pacífica com outros jovens.

O projeto *Arte da Paz*, realizado pelo Instituto de Defesa dos Direitos Humanos em Curitiba, no Paraná, realiza mini-oficinas, encontros e promove trabalho de multiplicação dos jovens. O projeto utiliza o hip-hop como forma de atrair os jovens participantes, entre 14 e 18 anos, e utiliza os valores do hip-hop para fomentar a organização social da comunidade, formando os jovens como lideranças, referências e multiplicadores para que possam se organizar na garantia de seus direitos de cidadãos. O processo de formação tem a duração de quatro meses, período em que são realizadas oficinas referentes às técnicas do hip-hop – grafite, break, DJ e MC. Após três meses de formação, os jovens passam a organizar mini-oficinas, campanhas e encontros. A intenção do projeto é trabalhar com o resgate da autoestima dos jovens evidenciando suas potencialidades e possibilidades de seguir caminhos que não sejam ilegais ou violentos, ao passo que os incentiva a promover as mudanças que consideram necessárias dentro de sua comunidade.

Saiba mais: <http://www.iddeha.org.br/blog/?p=300>

**Conheça
exemplos**

Conheça exemplos

O projeto *Picasso não Pichava*, executado pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal, derivou-se de uma política de repressão a gangues que praticavam atos de violência e pichação, e passou a valorizar atividades de cunho preventivo. O projeto oferece aos jovens, entre 12 e 29 anos, oficinas sobre temas de seus interesses, como break, capoeira, serigrafia, grafite, artesanato, educação ambiental e instrumentos musicais. Nos núcleos do projeto, os jovens participam de palestras, acompanham palestrantes em colégios, fazem trabalhos em hospitais – pintando alas de pediatria, por exemplo. Ao focar nas atividades relacionadas ao grafite, o projeto visa canalizar os anseios de jovens pela prática com tinta e spray, que costumava ser a pichação, para uma atividade artística, o grafite, ressignificando um ato já cunhado pela sociedade como violento em uma expressão artística.

Saiba mais: <http://www.picassonaopichava.com/>

Conheça exemplos

A OSCIP Centro Cultural e Social Grito de Liberdade, da região administrativa do Riacho Fundo I do Distrito Federal, realiza o projeto *Oficina Cultural Consciência Negra*, que surgiu de dentro da própria comunidade. O projeto busca valorizar a cultura negra, resgatar a história do negro na formação do Brasil e se preocupa em fornecer a jovens, vulneráveis socialmente, referências boas e tangíveis demonstrando a importância do conhecimento local e das lideranças populares. As atividades são realizadas, ao longo de duas horas, com jovens de escolas públicas de ensino fundamental e médio durante o contraturno escolar. A principal atividade oferecida é a capoeira, mas também há oficinas como as de danças típicas da cultura afro-brasileira e confecção de instrumentos musicais – agô, pandeiros e berimbaus. Ainda, são disponibilizados espaços para o debate e a conscientização sobre as manifestações populares.

Saiba mais: <http://gritodeliberdadecobra.com.br/>

Empoderamento

A estratégia de *empoderamento* relaciona-se com a perspectiva de trabalhar com a delegação de autoridade, de poderes decisórios, autonomia e participação a partir do desenvolvimento e do amadurecimento do indivíduo. Tem como base, nesse sentido, a ideia de dar aos jovens o poder, a liberdade e a informação que lhes permitam tomar decisões e participar ativamente de organizações, coletivos ou instituições.

Um projeto de *empoderamento* pode ser apresentado como uma iniciativa que se propõe a atuar com os jovens através da participação direta desse público na formulação e implementação do projeto e do incentivo à sua organização coletiva.

Projetos desta estratégia procuram elevar a autoestima dos jovens e apoiá-los para que construam seus projetos de vida, atuando com a perspectiva de que esses jovens tornem-se autônomos.

Atividades para um projeto com a estratégia *empoderamento*:

- Oficinas para formulação e implementação de projetos coletivos e comunitários;
- Formação e promoção da organização de coletivos juvenis, como grupos artísticos, políticos, grêmios em escolas e outros;
- Promoção de encontros para debater temas relacionados ao universo juvenil, como uso de drogas, gravidez precoce, violência e outros;
- Promoção de atividades comunitárias a serem geridas pelos jovens, etc.

As atividades devem promover a participação direta e atuante dos jovens no projeto, de forma a estimular sua autonomia para realizar o que está sendo proposto.

Como projetos de *empoderamento* previnem a violência?

A ideia que está por trás desta estratégia é que o empoderamento possibilita ao jovem superar sua condição de vulnerabilidade, seja reconhecendo-se como um sujeito de direitos, construindo um novo projeto de vida, constituindo uma reflexão crítica sobre suas realidades e evitando o envolvimento com violência. São esses elementos que levariam o jovem a responder às violências perpetradas contra ele ou a outros conflitos sem recorrer à violência como solução.

É comum que os projetos que adotem o empoderamento como estratégia de trabalho busquem promover a garantia dos direitos dos jovens, procurando tratar das questões que fazem com que os jovens sejam vistos de forma preconceituosa ou estigmatizada. Nesse sentido, são iniciativas que trabalham com o jovem no intuito de torná-los protagonistas de suas vidas e de suas comunidades.

Outra forma de prevenção da violência que permeia as concepções de projetos de *empoderamento*, relacionada à perspectiva de empoderá-los por completo, fazendo com que esses jovens reconheçam-se como responsáveis por suas ações. Nesse sentido, os jovens passam por uma reflexão sobre o conjunto de suas práticas e são capazes de reconhecer as suas consequências positivas ou negativas.

O que é preciso levar em conta ao adotar esta estratégia:

As iniciativas de *empoderamento* enxergam o jovem como agente, protagonista de sua realidade, e não como um sujeito passivo a espera de atendimento, assim, prever mecanismos de participação dos jovens no projeto é essencial para o sucesso da iniciativa. Propor formatos interativos e democráticos que sejam ou de formação ou de formulação de propostas por meio de oficinas, momentos de trabalho de interlocução horizontal entre a equipe do projeto e seus participantes, que congregam o conteúdo à prática, podem ser essenciais para que o trabalho funcione.

Ao adotar esta estratégia, é comum a proposta de criação de lideranças jovens que sejam multiplicadoras dos princípios que aprenderam no projeto. A ideia é que essas lideranças tornem-se referências e incentivem tanto outros jovens, como suas comunidades, a se organizarem para reivindicarem a garantia de seus direitos. Outra característica de um jovem multiplicador é a possibilidade de dar continuidade às boas experiências aprendidas, estabelecendo um papel de protagonista em sua comunidade.

A transformação da percepção do jovem sobre si mesmo, sobre o mundo em que vive, suas redes relacionais e experiências cotidianas, além da ampliação de seu repertório sociocultural são pontos centrais para o sucesso de iniciativas desta estratégia. Nesse sentido, as iniciativas devem se propor a apresentar novos elementos, construir alternativas, criar caminhos possíveis para que os jovens construam sua autonomia e para evitarem o envolvimento ou romperem com um ciclo de violência.

Aos projetos que adotam estratégia para o trabalho de prevenção à violência entre jovens estão colocados alguns desafios, como a demanda fi-

nanceira dos jovens e a relação com o mercado de trabalho formal. Por conta dessa demanda, pode ocorrer a “perda” de jovens, que deixam o projeto para ingressar no mercado de trabalho, seja formal, informal ou mesmo ilícito. Ao lado desse problema, está o entendimento de que projetos *empoderamento* não seriam atividades produtivas. Uma saída possível é o oferecimento de bolsas para a participação dos jovens ou outros tipos de incentivos como lanches, auxílio para transporte, etc.

Outro desafio imposto é a relação conflituosa que o projeto pode vir a estabelecer com o Estado por conta da demanda pela garantia de direitos dos jovens. Ao empoderá-los para exigir seus direitos, cria-se a expectativa de que transformações ocorrerão e quando isso pode gerar um sentimento de frustração no jovem participante do projeto. A estratégia de *empoderamento* pode possibilitar resultados em longo prazo, o que é preciso ser levado em conta.

Conheça exemplos

O projeto *Etapas – Juventude e Ação Política* é implementado em Recife, Pernambuco, pela organização não governamental Etapas. Sua atuação consiste na abertura do espaço da ONG para uso dos jovens, viabilizando seu acesso à infraestrutura como computadores ou material de escritório; há também cursos de capacitação, apoio financeiro às organizações juvenis e o acompanhamento dos grupos, feito pelos gestores da ONG, que auxiliam os jovens em suas demandas, além de contribuir com o planejamento e a definição de suas atividades. O projeto identifica que os jovens têm o costume de atuar através de coletivos e que a contribuição para o fortalecimento dos grupos – apoio técnico e financeiro – viabiliza ações concebidas e propostas pelos próprios jovens, possibilitando o atendimento de suas demandas.

Saiba mais:

http://www.etapas.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=20&Itemid=48

Conheça exemplos

O *Programa Jovens Urbanos* – realizado pelo Cenpec, o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária, uma ONG paulistana – é formulado como laboratório para sistematizar metodologias de trabalho com a juventude e realiza parcerias com ONGs em comunidades selecionadas da periferia de São Paulo para atuarem com jovens de 16 a 20 anos, promovendo sua circulação no território em que vivem e em toda a cidade. A intervenção objetiva ampliar o repertório sociocultural dos jovens para que eles possam conhecer outras realidades, transformando a sua relação com a cidade para que se apropriem dela, possibilitando a superação de estigmas e escolhas conscientes. Ao fim do programa, os jovens elaboram projetos que devem ser executados por eles mesmos, dando continuidade ao que vivenciaram no programa e possibilitando uma fonte de renda. Saiba mais: <http://cenpec.org.br/programa-jovens-urbanos>

Conheça exemplos

O projeto *Papo de Resposta*, da cidade do Rio de Janeiro, é executado por uma parceria entre a Polícia Civil do estado do Rio de Janeiro e a ONG Afroreggae. O projeto atua em escolas e outros ambientes propondo um “papo” entre os jovens, os policiais e ex-criminosos, com o propósito de estreitar a relação entre esses atores, debatendo ideias e preconceitos. Os “papos” propostos são abertos e tratam de assuntos como violência, criminalidade, uso de drogas e outros temas recorrentes na realidade dos jovens. A postura dos policiais que promovem o “papo” é de atenção às questões e angústias dos jovens – principais interlocutores das conversas –, bem como suas manifestações positivas, para estabelecer vínculos de confiança, respeito e honestidade, desmistificar a figura do policial e operar uma transformação nos jovens participantes.

Saiba mais: <http://www.papoderesposta.com.br/>

Atenção

Cada uma das estratégias é capaz de impactar em determinado elemento da condição de vulnerabilidade para a violência e não é possível identificar que uma delas seja mais eficiente do que as outras. Ao contrário, todas se mostram muito eficientes para os objetivos que pretendem atingir. A escolha pela estratégia a ser adotada depende, portanto, muito mais da avaliação que se faz do contexto em que se quer intervir e do jovem com o qual se espera trabalhar. Além disso, é fundamental que haja afinidade do executor do projeto ou programa com a estratégia que será utilizada, ou pelo menos que haja disposição para que se busque a maneira adequada de implementar a estratégia e que se possa contar com os profissionais qualificados para tal.

Estruturar o projeto

Definida a estratégia, parte-se para a estruturação do projeto propriamente dito. A estruturação de um projeto é fundamental para garantir os resultados da ação, a continuidade e a sustentabilidade da iniciativa.

O primeiro passo para estruturar um projeto é realizar um diagnóstico, o que já deve ter sido feito, se observados os dois itens anteriores destas *Diretrizes*. O diagnóstico serve para que se conheça exatamente o problema que se quer enfrentar e quais são as especificidades que estão colocadas para esse desafio. Conhecer o contexto e conhecer o jovem são elementos que fazem parte do diagnóstico que permitirá definir qual será a melhor estratégia a ser adotada, qual será o público-alvo, quais os objetivos específicos que podem ser elencados e quais os resultados esperados.

Feito o diagnóstico, deve-se definir qual é o objetivo do projeto. Assumindo que o objetivo geral é prevenir a violência entre jovens, deve-se fazer um esforço para definir objetivos específicos que permitirão que o objetivo geral, mais abstrato e genérico, seja atingido. A definição dos objetivos implicará uma série de outras definições que farão parte do conteúdo da iniciativa. Os objetivos específicos relacionam-se com o desenho concreto da iniciativa e devem ser factíveis e atingíveis através das ações que farão parte do projeto.

Como exemplos, em um projeto de formação, um objetivo específico pode ser a “melhora do desempenho escolar dos jovens participantes”; em um projeto de cultura, pode ser “o desenvolvimento de habilidades e percepções artísticas dos jovens participantes”; em um projeto de empoderamento, “a formulação de um projeto coletivo a ser implementado na comunidade”, e assim por diante.

Definidos os objetivos, é preciso que se formule a metodologia de trabalho, considerando, para tanto, a estratégia que foi escolhida para o projeto. A metodologia deve compreender os meios para desenvolver a estratégia selecionada e também outros elementos que se relacionam às ações do projeto propriamente ditas. Assim, deve-se definir como se dará o projeto, se será um atendimento ou uma intervenção pontual, se oferecerá um espaço de acolhida ou se será realizado em outros ambientes, qual o período de duração das atividades, se haverá ciclos ou se serão oferecidas oficinas, se haverá controle de presença ou se a frequência será livre, se haverá momento de desligamento, enfim, deve se definir todas as especificidades necessárias para que as ideias possam ter concretude ao serem colocadas em prática.

O processo de definição de metodologia pode ser acompanhado da definição de metas, o que permite um desenho mais claro das ações que o projeto adotará. As metas da iniciativa são anteriores aos resultados e são responsáveis por informar se aquilo que estava planejado inicialmente está sendo contemplado na execução do projeto. Uma meta deve estar relacionada a uma ação do projeto e deve contribuir para que os objetivos sejam alcançados. Uma meta pode ser, por exemplo, o número de participantes que se pretende alcançar em determinado tempo, a porcentagem de redução da criminalidade local que se visa atingir, a qualidade da produção artística dos jovens do projeto, e outras tantas.

No desenho do projeto, é preciso também que se vislumbrem quais são os resultados esperados com a iniciativa e que todo o processo de formulação até então seja desenhado de forma a possibilitar o alcance desses resultados. Os resultados podem ser tanto quantitativos como qualitativos, o que dependerá da proposta que será posta em curso. De qualquer forma, eles precisam ser factíveis, o que significa dizer que eles precisam ser passíveis de serem alcançados através do desenvolvimento das ações propostas pelo projeto para aqueles jovens e naquele contexto específico.

É necessário também que se pense na sustentabilidade do projeto, o que demanda que se estabeleça um orçamento para a iniciativa e que sejam viabilizados recursos para sua execução. Os recursos devem ser compreendi-

dos não somente como financeiros, mas também materiais e humanos. Os recursos precisam dar conta da execução do projeto em sua integralidade. Mesmo que não estejam disponíveis em sua totalidade no início do planejamento da iniciativa, é preciso que estejam previstas formas de captação de recursos ao longo do trajeto. Além da existência de recursos, outros elementos devem ser levados em conta para a sustentabilidade do projeto, como o grau de institucionalidade que ele assume, a existência de vínculos com os profissionais que fazem parte da iniciativa, a consolidação da metodologia de trabalho, o registro das ações, a capacidade de alcançar, medir e avaliar resultados, entre outras. Esses elementos podem e devem ser considerados ao longo de todo o percurso de implementação do projeto.

Finalmente, para o sucesso da iniciativa, é preciso que se formulem mecanismos de monitoramento, avaliação, e sistematização de práticas e resultados. Esses mecanismos são fundamentais para que se vislumbre o alcance e o sucesso da iniciativa que será executada e para que se possa avaliar a execução de maneira frequente, possibilitando os ajustes que venham a ser necessários ao longo do percurso de implementação e execução. Esses mecanismos são também fundamentais para os ajustes referentes às metas e aos métodos utilizados, para as avaliações de percurso, para a identificação de erros e acertos, fortalezas e fragilidades da iniciativa. Eles são essenciais para a reorientação de rota, para a aferição de resultados, além de serem essenciais para se buscar financiamento.

Atenção

Se o projeto formulado tratar-se de uma política pública, é preciso observar que há uma série de outras questões que também devem ser levadas em conta no desenho da iniciativa, como, por exemplo, a necessidade de se observar procedimentos formais de concurso público e de licitação para os mecanismos de contratação de profissionais ou de terceirização dos serviços. É importante, ao se desenhar o projeto, ter em mente que esses procedimentos são obrigatórios e que será preciso construí-los de modo a estarem em sintonia com os objetivos do projeto e com as especificidades relacionadas aos temas que o envolvem, como juventude, segurança pública, prevenção da violência e com a estratégia escolhida. O planejamento do projeto deve destacar os momentos em que será necessária a interlocução com outros setores do poder público para que sejam observadas as regras do processo.

Definido o projeto em sua totalidade, deve-se realizar um planejamento detalhado de suas atividades por um determinado período, que compreenda as ações realizadas e os meios para identificar os resultados alcançados. Depois disso, pode-se colocá-lo em prática, observando as demais diretrizes que estão elencadas neste documento.

Saiba mais!

Aqui está um resumo sobre como estruturar um projeto de prevenção à violência entre jovens. Há disponível uma bibliografia específica sobre o tema, que pode ser acessada para uma explicação mais detalhada, como por exemplo: *Guía para la prevención com jóvenes* do UN-Habitat e Universidad Alberto Hurtado, *Cartilhas Juventude e Prevenção à Violência*, do Instituto Sou da Paz, *Strategies and Best Practices in Crime Prevention in particular in relation to Urban Áreas and Youth at Risk*, do ICPC. Todas estas referências estão listadas ao fim desta publicação e disponíveis na internet.

Profissionais qualificados

Para cada uma das estratégias é preciso que se tenham profissionais qualificados para desenvolver o trabalho com os jovens ou a gestão do projeto como um todo. No entanto, falar sobre *profissionais qualificados* não significa, necessariamente, prever que as pessoas que trabalharão no projeto devem ter curso universitário ou formação acadêmica.

Quando se trata de projetos destinados à juventude e cujo objetivo é prevenir a violência, os gestores, professores, monitores, “oficineiros” são, normalmente, profissionais das áreas específicas em que atuam, por exemplo, pedagogos, sociólogos, psicólogos, entre outros. No entanto, o que parece ser mais relevante para a escolha desses profissionais é o fato de serem pessoas que possam estabelecer relações de proximidade com a comunidade e com os jovens participantes.

Os “oficineiros”, em especial, têm um papel central, por serem responsáveis por conduzir as atividades de forma mais próxima e direta com os jovens que delas participam. Esses são profissionais que devem compreender a comunidade e os jovens, além de conhecerem bem a arte, o ofício ou qualquer outra atividade que sejam oferecidas nas oficinas. Muitas das oficinas que os pro-

jetos podem oferecer não fornecem necessariamente um tipo de formação específica, sendo muitas vezes espaço de interlocução e troca que permite a interação entre jovens, a convivência e aprendizados diversos. Para essas oficinas, não é necessário que haja um profissional capacitado em uma área específica do conhecimento; mais importante é que esse profissional tenha afinidade com o tema da oficina e tenha familiaridade com o público jovem.

Uma saída interessante para as iniciativas localizadas nas comunidades é contar com profissionais que habitam a própria comunidade e que são treinados e capacitados para as atividades do projeto, como monitores, por exemplo.

É muito comum verificar instituições que têm em seu quadro de funcionários pessoas oriundas da própria comunidade em que se dá a iniciativa. Além disso, verifica-se que há, em muitos casos, a valorização dos “talentos locais”, que é uma maneira de prestigiar aquelas pessoas que já desenvolvem algum tipo de trabalho e que podem ensiná-lo a outras.

É importante observar que treinamento e capacitação, realizados de acordo com o desenho do projeto e da estratégia adotada, são fundamentais e devem ser oferecidos periodicamente à equipe que desenvolverá as ações.

Momentos de interação entre a equipe de profissionais do projeto podem ser adotados como meio de formação e capacitação, uma vez que permitem a troca de experiências entre os profissionais que atuam com os jovens. Ainda assim, é importante que estejam previstos momentos formalizados de formação e capacitação, com cursos com professores especialistas nos temas trabalhados no projeto e nas temáticas de prevenção à violência, segurança pública e juventude.

Dica

O Plano de Formação para Educadores Sociais em Contexto de Violência, elaborado pelo Instituto Sou da Paz no âmbito deste projeto, pode ser utilizado como método de formação para os profissionais que trabalham no projeto de prevenção à violência. Complementarmente, pode se utilizar o *Guia Prático para Educadores Sociais: estratégias para atuação em contextos violentos*. Ambos, assim como todos os demais materiais deste Projeto, podem ser acessados em: <http://www2.forumseguranca.org.br/ivj/documentos>

Adaptações do projeto na atuação

Ao se implementar uma iniciativa de prevenção à violência destinada a juventude, é preciso levar em conta que tanto as dinâmicas locais que compõem o contexto da intervenção como os próprios jovens estão em constante movimento, o que significa que podem ser verificadas constantes transformações.

Dessa constatação, percebe-se que as experiências que estão mais aptas a se transformarem respondendo às demandas de contexto estão mais habilitadas a alcançar os resultados esperados. Isso não significa que o projeto deve se reestruturar a todo o momento. Significa, em contrapartida, que é necessário pensar uma capacidade de fazer adaptações constantes durante a atuação, para que o projeto seja desenvolvido de forma adequada a perceber os resultados esperados.

Essa capacidade de adaptação da atuação guarda relação direta com a necessidade de se estabelecer mecanismos de monitoramento e avaliação dos procedimentos e também dos resultados. Somente por meio desses instrumentos é que se poderão verificar quais são as adaptações necessárias para que o projeto seja transformado e redesenhado para alcançar seus objetivos.

Reconhecer a incompletude institucional: trabalho em rede

Otra importante reflexão ao elaborar um projeto de prevenção à violência diz respeito ao trabalho em rede que esse tipo de iniciativa pode desenvolver na comunidade em que está inserida. O trabalho em rede parte da compreensão holística do jovem e de que o fenômeno da violência é complexo, sendo múltiplas as causas que podem levar um jovem a envolver-se com o crime ou com atos de violência. Diante dessa complexidade, percebe-se que nenhuma iniciativa poderá, sozinha, dar conta de atender a todas as demandas dos jovens e de superar todos os fatores que o colocam numa condição de vulnerabilidade à violência.

Assim, é preciso que o projeto identifique o limite de sua ação e que vise complementá-la por meio de parcerias, num trabalho conjunto que pode ser feito por meio de redes sociais ou redes de proteção.

Um bom diagnóstico do contexto em que se quer intervir já terá possibilitado a identificação dos atores-chave locais com os quais se poderá desenvolver um trabalho conjunto. Além disso, instituições como as famílias e as escolas devem ser levadas em conta para o desenvolvimento de ações voltadas ao público jovem, vez que fazem parte da vida cotidiana deles e podem ser importantes parceiras para a superação de sua condição de vulnerabilidade à violência.

Espaço de convivência e de referência para o jovem

O outro ponto que serve de diretriz a um projeto de prevenção à violência destinado a jovens é que, dada a falta de equipamentos públicos que se verifica em contextos de vulnerabilidade para a violência e também a falta de referenciais positivos e próximos para esses jovens, os projetos podem tornar-se importantes espaços de convivência para eles, muitas vezes promovendo alguns direitos que anteriormente não estavam sendo garantidos naquele contexto.

Os profissionais da equipe do projeto, especialmente aqueles que estão atuando “na ponta”, tornam-se, nessa perspectiva, referências positivas para os jovens participantes, que podem se sentir estimulados a usá-los como modelos para suas vidas. E os projetos, em si, passam a ser reconhecidos como centros de referência para a juventude, alcançando dimensões de atuação que não estavam previstas anteriormente.

Esse não é um caminho necessário para as experiências de prevenção à violência entre jovens, mas pode ser um objetivo da iniciativa que será desenhada ou então uma consequência positiva do trabalho que está sendo desenvolvido.

Outros elementos que devem ser levados em conta em projetos de prevenção à violência para jovens

Horário das atividades

O trabalho com os jovens deve observar as dinâmicas da juventude e respeitar a sua complexidade. Assim, não é possível que um projeto espere que o jovem participe dele durante todo o tempo que tem disponível. Além disso, é preciso levar em conta que os jovens têm outras demandas que também precisam ser atendidas, inclusive para que se supere sua condição de vulnerabilidade à violência.

Nesse sentido, é importante que se leve em conta que qualquer projeto de prevenção à violência destinado à juventude e que demanda a participação dos jovens deve observar os horários em que os jovens estejam disponíveis para participar das ações.

O projeto pode realizar suas ações aos finais de semana, de forma a não concorrer com os horários de trabalho ou de escola, ou então disponibilizar atividades no horário noturno, identificado como tendo a maior concentração de atos criminosos ou de violência com envolvimento de jovens.

A decisão pelo horário das atividades deve, novamente, levar em conta o contexto em que se quer intervir e o jovem com o qual se vai trabalhar. Além disso, a definição de uma estratégia pode impor o ritmo de trabalho e condicionar a definição de horários.

Conheça exemplos

O Programa *Galera Nota 10*, inspirado pelo *Esporte à Meia-Noite* do Distrito Federal, e realizado pelo governo estadual do Amazonas, parte do diagnóstico de que o horário de maior concentração de crimes e de atos de violência envolvendo gangues de jovens vai das 22h00 às 02h00. Assim, o programa disponibiliza espaços, infraestrutura e equipamentos para que os jovens pratiquem esportes durante esse horário, buscando canalizar a agressividade deles e fazê-los conviver de maneira regrada e pacífica.

Saiba mais: http://www.sejel.am.gov.br/pagina_interna.php?cod=14

As oficinas como ferramenta de trabalho

Uma forma de realizar ações para trabalhar com jovens é através da utilização de oficinas. As oficinas são momentos de trabalho de interlocução horizontal entre a equipe do projeto e seus participantes que congregam o conteúdo à prática e podem ter temas diversos.

As oficinas possibilitam o acesso a conhecimentos variados e, ao aliar o conteúdo à prática, permitem que os jovens participantes coloquem em prática o que está sendo aprendido no projeto. As oficinas permitem um aprendizado dinâmico, pois envolve o jovem de forma mais contundente. Sendo também um momento horizontal, em geral, permitem ao jovem que se expresse livremente, favorecendo a interação entre eles e com a equipe do projeto.

Controle de presença e frequência dos jovens no projeto

A decisão por estabelecer ou não esse tipo de controle depende do que propõe o projeto. Controlar a presença e frequência dos jovens participantes pode ser necessário em alguns casos, como para projetos que oferecem algum tipo de curso ou formação que dependem da assiduidade dos participantes, entre outras questões, para terem sucesso. Outras iniciativas, que funcionam como equipamento esportivo ou cultural ou que atuam de maneira a promover a convivência pacífica entre jovens, não necessitam de controle de frequência, podendo estar acessível ao jovem em qualquer momento em que ele queira participar.

Mecanismos de desligamento dos participantes

Isso também depende de que tipo de estratégia e de que tipo de atividades o projeto vai oferecer. Caso seja necessário um ciclo de participação dos jovens, é importante que esteja desenhado o momento de desligamento, quando há a formatura, a entrega de um certificado ou a apresentação do trabalho realizado. Outros projetos, que preveem a atuação constante, não necessitam de momentos de desligamento e podem oferecer atividades segundo a demanda, o interesse, a disponibilidade de equipe, etc.

Contextos de conflito e disputas territoriais

Projetos de esporte e cultura podem ser interessantes em contextos de conflito e disputas territoriais porque visam promover a convivência pacífica entre os jovens. No entanto, é preciso considerar o contexto e pensar em meios para a aproximação de grupos rivais de maneira cautelosa. Uma boa ideia pode ser, num primeiro momento, incentivar competições esportivas ou disputas culturais entre jovens de territórios ou grupos rivais, para depois poder uni-los em trabalho conjunto.

Regras de convivência

Uma boa dica para projetos de prevenção à violência entre jovens é que as regras de convivência dentro do projeto sejam formuladas com a participação dos jovens que o frequentam. Assim, os jovens podem sentir-se responsáveis pelas regras elaboradas conjuntamente, facilitando que estas sejam cumpridas por todos. Além disso, é importante que as regras respeitem a condição de ser jovem, observem a diversidade e evitem todo e qualquer tipo de preconceito.

Resolução pacífica de conflitos

Por último e ainda mais importante, é fundamental que qualquer projeto de prevenção à violência estimule entre os jovens participantes a resolução pacífica de conflitos. Deve também adotá-la como meio para solucionar conflitos que surjam dentro do próprio ambiente do projeto. A equipe do projeto pode atuar como mediadora de conflitos que surjam entre os jovens participantes e tem um papel fundamental de estimular o diálogo e saídas pacíficas para os conflitos que existirem. Uma boa dica para os projetos é adotar a cultura de paz em suas atividades.

Dica

Uma das cartilhas desenvolvidas pelo Instituto Sou da Paz no âmbito do Projeto Juventude e Prevenção da Violência trata do tema cultura de paz.

Nela, explica-se que a promoção da cultura de paz relaciona-se com fortalecer referências positivas e não violentas entre os jovens, estimular a diversidade e a resolução pacífica de conflitos e não legitimar a violência. Para saber mais, acesse a Cartilha Temática 4: Cultura de Paz, disponível em: <http://www2.forumseguranca.org.br/ivj/documentos>

Indicações de material para consulta

- ANDRADE, Mônica Viegas; PEIXOTO, Betânia Totino. *Avaliação Econômica de Programas de Prevenção e Controle da Criminalidade no Brasil*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/FACE/UFMG, 2007.
- CASTRO, Jorge Abrahão de & AQUINO, Luseni. *Juventude e Políticas Sociais no Brasil*. Brasília: Ipea, 2008.
- CASTRO, Mary Garcia (Coord.). *Cultivando vida desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza*. Brasília: UNESCO, Brasil Telecom, Fundação Kellogg, Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2001.
- Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – Cenpec. *Jovens Urbanos – Sistematização de Metodologia*. São Paulo, 2008.
- Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – Cenpec. *Cadernos Cenpec – Educação, Cultura e Ação Comunitária: Juventudes Urbanas*. nº 5 – 1º sem/2008.
- Ciranda – Central de Notícias dos Direitos da Infância e Adolescência. *Educomunicação e cultura de paz: Guia para educadores e educadoras*. Curitiba: Ciranda, 2009.
- Ciranda – Central de Notícias dos Direitos da Infância e Adolescência. *Guia: Construindo a Paz*. Curitiba: Ciranda, sem data.
- Conselho Nacional de Juventude. *Política Nacional de Juventude: Diretrizes e Perspectivas*. São Paulo: Conselho Nacional de Juventude; Fundação Friedrich Ebert, 2006. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/search?SearchableText=politica+nacional+juventude>
- COSTA, Carlos Gomes da. *Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000. Disponível em: <http://www.promenino.org.br/Tabld/77/Conteudold/5649e039-9334-482f-9431-d9059a580ad3/Default.aspx>.
- FREITAS, Maria Virginia de (Org.). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005
- GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves; NJAINE, Kathie; SCHENKER, Miriam. *Êxitos e limites na prevenção da violência: estudo de caso de nove experiências brasileiras*. Revista Ciência & Saúde Coletiva, 11(Sup): 1291-1302, 2007.
- Laboratório de Análise da Violência da UERJ; Observatório de Favelas; Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República. *Índice de Homicídios na Adolescência*. 2009.
- Instituto de Defesa dos Direitos Humanos. *Arte da Paz – Caderno de Cidadania e Direitos Humanos*. Curitiba, sem data.

- Instituto Sou da Paz. *O Guia Grêmio em Forma – Material para formação de grêmios estudantis*. São Paulo, sem data.
- Instituto Sou da Paz. *Grêmio estudantil – é hora de participar!*. São Paulo, sem data.
- Instituto Sou da Paz. *Caderno Grêmio em Forma*. São Paulo, sem data.
- Instituto Sou da Paz. *Cartilhas Temáticas*. Projeto Prevenção da violência entre adolescentes e jovens no Brasil: estratégia de atuação. 2010. Disponível em: <http://www2.forumseguranca.org.br/ivj/documentos>.
- International Centre for the Prevention of Crime. *Strategies and Best Practices in Crime Prevention in particular in relation to Urban Areas and Youth at Risk*. Montreal, Canadá, 2005. Disponível em: http://www.crime-prevention-intl.org/uploads/media/pub_195_1.pdf.
- Luta pela Paz. *Relatório Anual 2008/9 – Trabalhando para superar a divisão e a violência e promover o potencial de jovens nas comunidades de baixa renda*. Rio de Janeiro/Loncon: Luta pela Paz, 2009.
- Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. *Projeto Juventude e Prevenção da Violência*, 2010. Todos os produtos disponibilizados em: <http://www2.forumseguranca.org.br/ivj/documentos>.
- Observatório de Favelas & Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República. *Redes de Valorização da Vida - Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2009.
- Organização Mundial da Saúde. *Manual para a documentação de programas de prevenção da violência interpessoal*. Genebra: OMS, 2004.
- Programa Fica Vivo!. *Revista Anual do Programa Fica Vivo! Proteção Social e Intervenção Estratégica*. Belo Horizonte, 2009.
- Promundo. *Homens, Masculinidades e Políticas Públicas: aportes para equidade de gênero*. 2009.
- Promundo; Grupo Atitude; Instituto PAPAI; Movimento dos Trabalhadores Sem Terra e. *Jovemovimento: Jovens pelo fim da violência*. Sem data.
- UN Habitat; Universidad Alberto Hurtado. *Guía para la prevención con jóvenes hacia políticas de cohesión social*. Santiago, Chile, 2010. Disponível em: http://www.onuhabitat.org/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=65&Itemid=73.
- WERTHEIN, Jorge & CUNHA, Célio da. *Políticas Públicas De/Para/ Com as Juventudes*. Brasília: UNESCO, 2004.

Projeto Juventude e Prevenção da Violência

O Projeto Juventude e Prevenção da Violência é o objeto do Termo de Parceria 009/2008, firmado entre o Ministério da Justiça, por meio da Secretaria Nacional de Segurança Pública e com recursos do Pronasci, e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Sua consecução contou com amplo leque de parcerias, com destaque para o Instituto Sou da Paz, o Ilanud Brasil e a Fundação Seade.

Ficha institucional

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

Ministro da Justiça: José Eduardo Cardozo

Secretário Executivo: Luiz Paulo Teles Ferreira Barreto

Secretária Nacional de Segurança Pública: Regina Maria Filomena de Luca Miki

Departamento de Políticas, Programas e Projetos: Alberto Kopittke

Diretora de Pesquisa, Análise da Informação e Desenvolvimento de Pessoal em Segurança Pública: Isabel Seixas de Figueiredo

Departamento de Execução e Avaliação do Plano Nacional de Segurança Pública: Sidnei Borges Fidalgo

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA

Presidente do Conselho de Administração: Jésus Trindade Barreto Júnior.

Conselho de Administração: Elizabeth Leeds - Presidente de Honra / Carlos Roberto Sant'Ana da Rosa / Denis Mizne / Humberto Vianna / Jacqueline Muniz / José Luiz Ratton / José Marcelo Zacchi / José Vicente Tavares dos Santos / Kátia Alves / Luciene Magalhães de Albuquerque / Luís Flávio Saporì / Renato Vieira de Souza / Sérgio Roberto de Abreu / Sílvia Ramos / Wilson Batista

Secretário Geral: Renato Sérgio de Lima

COMITÊS DE ACOMPANHAMENTO DO TERMO DE PARCERIA

2009-2010: Cláudio Bandel Tusco (MJ/DPF) / Helder Ferreira (IPEA) / Isabel Seixas De Figueiredo (SEDH) / Marcelo Ottoni Durante, presidente (SENASP) / Paula Miraglia (ILANUD Brasil) / Reinaldo Chaves Gomes (MJ/PRONASCI) / Renato Sérgio de Lima (FBSP)

2010-2011: Almir de Oliveira Junior (IPEA) / Claudio Bandel Tusco (MJ/DPF) / Denis Mizne (Instituto Sou da Paz) / Heloiza de Almeida Prado Botelho Egas (SDH) / Luciane Patrício Braga de Moraes, presidente (SENASP) / Renato Sérgio de Lima (FBSP)

AGRADECIMENTOS INSTITUCIONAIS

Ricardo Brisolla Balestreri / Reinaldo Chaves Gomes / Ronaldo Teixeira

Ficha técnica

SUPERVISÃO GERAL: Renato Sérgio de Lima

COORDENAÇÃO GERAL : Denis Mizne / Melina Riso / Paula Miraglia / Renato Sérgio de Lima

COORDENAÇÃO EXECUTIVA : Carolina Ricardo / Ligia Rechenberg / Marina N R Menezes / Mônica Zagallo / Samira Bueno

ADMINISTRAÇÃO: Hilda Mancuso / Amanda Gouvea / Fernanda Kamiyama

EQUIPE : Adalton Marques / Adriana Gomes de Paiva / Adriana Taets / Aico Sipriano Nogueira / Alberto Alviaia / Alberto Coutinho Rabelo / Alessandra M. Navarro / Alexandre Paiva Camargo / Aline Honorato da Silva / Aline Yamamoto / Ana Carolina Guerra Alves Pekny / Ana Maria Narducci / Ana Maura Tomesani Marques / Ana Paula Portella ferreira Gomes / André Chui de Menezes / André Paiva / Aurélio Moschin / Camila Caldeira Nunes Dias / Camilo Flamarion Barbosa dos Santos / Carlos Henrique de Lima / Clarissa Galvão Cavalcanti Borba / Clarissa Ribeiro Huguet / Claudia Charoux / Daniel Angelim / Daniel Mazzuco / Debora Cristina Carrari / Débora Sousa Lopes / Dennis Van Wanrooij / Enrico Spaggiari / Erika Soares Sallum / Francisco José Pereira de Lima / Fransergio Goulart de Oliveira Silva / Iuri Pereira Jaime / Jaqueline Soares / João Cardoso / José Ap. Severino dos Reis / José Luis Ventura Leal / Juliana Vinuto / Karina Fasson / Laura Fernanda Zacher / Leticia Nuñez Almeida / Ligia Schiavon Duarte / Lize Marchini / Luiz Antônio Brenner Guimarães / Maia Fortes / Marcio Teixeira da Silva / Marco Aurélio Martins / Marcus Goes / Maria Eunice Xavier Kallil / Marília Ortiz / Martha Maria Jares Alves / Max Maciel Cavalcanti / Natalia Lago / Natalia Romano / Oteniel Almeida dos Santos / Patrícia Correia de Oliveira / Patricia Mercedes Henzell / Paula Regina da Silva Guerra / Paulo Eduardo Mancuso / Rebeca Zanetti de Traglia / Régia Cristina Oliveira / Regina Maria Prado Leite Erbolato / Reinaldo Chaves Gomes / Ricardo Augusto Romano Santa'anna / Ricardo Neves / Solange Gonçalves / Solange Martins / Stella Christina Schrijnemaekers / Terine Husek Coelho / Thandara Santos / Thiago Thadeu da Rocha / Tiago Rangel / Valéria Torres da Costa e Silva / Vanessa Abdo Benaderet / Vânia Regina Fontanesi / Vera Helena de Camargo / Welison da Silva Mesquita

CONSULTORES: Alex Niche Teixeira / Beatriz Silva Cruz / Cristina Neme / Doriam Luis Borges de Melo / Guaracy Mingardi / Haydée Caruso / Ilona Szabó de Carvalho / Jander Ramon / José Luiz Ratton Jr. / Liana de Paula / Lilian Liye Konishi / Luiz Flavio Saporì / Marlene Monteiro Pereira / Maria Cristina Rocha / Melissa de Mattos Pimenta / Neide Patarra / Sílvia Ramos / Sonia Nahas de Carvalho / Tânia Pinc / Túlio Kahn



Parceiro responsável:

Direção Executiva e Supervisão Geral: Paula Miraglia

Pesquisadora Responsável, Coordenação Geral e Redação:

Marina N R Menezes

Equipe de pesquisa: Maia Fortes, Lize Marchini e Tiago Rangel

Pesquisadores locais: Alberto Alviaia Filho / Artur D'Amico Bezerra / Bárbara Diniz Lima / Vieira e Silva / Cleidionice Gonçalves Ferreira / Felipe Simões da Mota Oriá / Flávia da Silva Freire / Geraldiny Malaguti Caldeira / Lamanda Luiza Marciano e Silva / Lamuna Dasi da Silva / Jeferson de Lara Scabio / Lizia De Boni / Polliana Cristina de Oliveira / Renan Theodoro / Renata de Carvalho Porto / Rochele Fellini Fachineto / Thaís Nascimento da Silva / Vanessa Lima Duarte

Moderação de reuniões: Ester Rizzi / Marcela Moraes

Agradecimentos: José Marcelo Zacchi / Luciana Cesar Guimarães / Marianna Olinger / Marcus Góes

Data: Dezembro de 2010

